



## A ARTE DE APRENDER A TRABALHAR COLETIVAMENTE NA VIDA DE UMA COSTUREIRA\*

Maria Clara Bueno Fischer\*\*

**Resumo** – Parte-se do entendimento de que trabalhar de forma associada e autogestionária, num contexto histórico em que o trabalho heterogerido é hegemônico, é um desafio profundo e permanente. A luta por refazer o conteúdo e a gestão do trabalho é uma arte, entendida enquanto habilidade humana que se institui como forma de saber, pensar e criar ao reinventar o trabalho. Este texto propõe que a análise de trajetórias profissionais de trabalhadores e trabalhadoras de organizações de trabalho associado é necessária para aprofundar o estudo sobre qualificação profissional desses sujeitos. Conceitos de profissão, profissionalidade e trajetória profissional além de elementos sobre relações de gênero são trazidos e discutidos à luz da problemática da transição do trabalho assalariado para o trabalho autogerido. Dados de pesquisa com membros de uma cooperativa de confecção localizada no sul do Brasil compõem a base empírica das reflexões propostas. Para a produção em tela, a trajetória profissional de uma costureira foi referenciada como narrativa repleta de elementos que contribuem e provocam o exercício de análise. Em exercício dialético entre narrativa da práxis e reflexão teórica, os referenciais teóricos adotados para dialogar com a trajetória profissional da costureira foram eleitos pela sua vinculação e/ou contribuição, direta ou indireta, ao tema da qualificação social e profissional dos trabalhadore/as do Movimento de Economia Solidária brasileiro e/ou a pesquisas que tenham como objeto de estudo este tema.

**Palavras-chave:** Trajetórias profissionais. Economia solidária. Qualificação social e profissional. Saberes do trabalho associado. Mulheres.

### INTRODUÇÃO

Trabalhar de forma associada e autogestionária, num contexto histórico em que o trabalho heterogerido é hegemônico, é um desafio profundo e permanente. Faz parte de um processo histórico-econômico-cultural. A luta por refazer o conteúdo e a gestão do trabalho é uma arte entendida enquanto habilidade humana que se institui como forma de saber, pensar e criar ao reinventar o trabalho<sup>1</sup>. Desde o final da década de 1980 multiplicam-se

---

\* Artigo produzido com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

\*\* Doutora pela University of Nottigham. Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* clara.fischer@ufrgs.br  
1 - Há inúmeras análises críticas que discutem a natureza das experiências de trabalho associado no contexto do capitalismo flexível, em especial no que se chama de Movimento de Economia Solidária discutindo suas potencialidades emancipatórias e/ou de adaptação.

organizações econômicas associativas de trabalhadores(as) do campo e da cidade. Para sobreviver e/ou se contrapor à lógica capitalista, por meio da ação coletiva e autogestionária, os(as) trabalhadores(as) expulsos(as) do mercado de trabalho assalariado ocupam fábricas fechadas, ativam sua produção e criam associações, cooperativas de produção, consumo e crédito. Em torno de um movimento que, nacional e internacionalmente, ganha a denominação de economia solidária, trabalhadores(as) articulam redes de produção e comercialização, complexos cooperativos e cadeias produtivas.

Em meio a muitas dificuldades e contradições, coletivos de trabalhadoras têm protagonizado essa experiência pelo Brasil afora. Segundo dados do último mapeamento da economia solidária no Brasil (BRASIL, 2013), em 11.081 empreendimentos econômico solidários (EES) de produção (sem considerar os EES de consumo e de comercialização) trabalham 168.655 mulheres e 192.823 homens.

Por ser histórica, essa forma de trabalhar herda experiências individuais e coletivas de trabalho heterogerido. Claudio Araújo Nascimento (2005) argumenta no contexto da emergência da economia solidária sobre a urgência de uma mutação cultural: de "celetista" (referindo-se à Consolidação das Leis Trabalhistas) e/ou "sindicalista" para "autogestionário". Afinal,

[...] novas formas de renda e de trabalho estão sendo construídas. Nesta perspectiva, a qualificação profissional assume novas tarefas, pois uma política de qualificação socioprofissional, relativa às empresas que funcionam segundo os princípios do cooperativismo e da autogestão, incorpora novos elementos de universo temático e novas metodologias que buscam responder aos objetivos das experiências emancipatórias no mundo do trabalho (NASCIMENTO, 2005, p. 11).

Analisar o patrimônio de saberes e valores de trajetórias profissionais que as mulheres têm construído em ocupações laborais prévias a sua inserção no trabalho associado, torna-se uma necessidade à medida que elas vêm, aos poucos, pensando suas práticas e experiências e fazendo dessas reflexões a sua produção conceitual, integrando outros modos de pensar o trabalho e a vida.

## **AS COSTUREIRAS E A COSTURA COMO ESTUDO DE CASO**

Entre as iniciativas que se identificam com o Movimento da Economia Solidária<sup>2</sup> está uma cooperativa do ramo da confecção no sul do Brasil que há vinte anos se reinventa para se manter dignamente de pé, calcada em conteúdos e valores do trabalho associado e

---

2 - Para maiores informações sobre este Movimento que se pauta pelo trabalho associado e autogerido, ver o site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (2003).

orientada por objetivos de sustentabilidade social e ecológica. A Unidas Venceremos (Univens) foi fundada em 1996. Localizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, compõe a Rede Justa Trama<sup>3</sup>, constituindo uma cadeia ecológica de algodão solidário no Brasil. A Univens produz bolsas, camisetas, jalecos, calças em algodão e poliviscose com serviços de serigrafia há vinte anos. Atualmente, 23 trabalhadoras compõem a cooperativa, trabalhando de forma integrada em três setores: corte, costura e serigrafia<sup>4</sup>.

Em pesquisas anteriores com a Univens, identificou-se que, no trabalho dos diferentes setores da cooperativa, havia marcas do patrimônio individual de cada uma das trabalhadoras costureiras e do trabalhador serígrafo<sup>5</sup>. Havia indícios de que este era mobilizado e, ao mesmo tempo, se refazia no cotidiano da produção interferindo nos processos e resultados do trabalho. Diferenças simples como costurar um bolso de um jaleco, até a maior ou menor desenvoltura para assumir tarefas de gestão na cooperativa indicavam a existência de saberes prévios, fonte de debates de normas e de escolhas no cotidiano<sup>6</sup>. Essa constatação motivou a equipe de pesquisa a conhecer melhor as trajetórias profissionais dos seus membros e, portanto, entender quais são, e como vêm se produzindo ao longo de sua vida, os saberes e valores do ofício de corte e costura e de serigrafia e, ainda, o seu entendimento de profissão.

Diretamente associado a tal desafio de pesquisa, apresentou-se o tema da qualidade do trabalho. Fazer peças com "mais qualidade" foi indicado em mais de uma situação, durante a pesquisa, como um desejo dos sujeitos. Informaram, por exemplo, que em situações cotidianas de venda da produção, como em feiras de economia solidária, as trabalhadoras mencionaram encontrar peças sem "qualidade", gerando constrangimentos. Na observação participante e nas oficinas coletivas realizadas em momentos da pesquisa, em mais de uma ocasião, as costureiras indicaram peças com problemas de alinhamento, bolsos fora do lugar, entre outros aspectos. Não menos importante, mas não tão frequente, aparecia o tema de criação de peças de confecção.

---

3 - A Rede Justa Trama disponibiliza informações atualizadas no site <<http://www.justatrama.com.br>>. A história da Justa Trama pode ser lida o capítulo intitulado "A Justa Trama – cadeia produtiva solidária e economia solidária" (NESPOL, 2014, p. 57-99).

4 - É uma experiência, do ramo da confecção, das cerca de 40% das iniciativas de trabalho do Brasil que possuíam até 30 sócios/os e que tinham de 10 a 19 anos de atividade de acordo com II Mapeamento Nacional da Economia Solidária (GAIGER, 2011). A Univens tem sido objeto de muitas pesquisas, dados seu vigor, longevidade e disposição de suas integrantes para dialogar com pesquisadores.

5 - Até outubro de 2015 um homem trabalhava na cooperativa no setor de serigrafia. Atualmente somente mulheres compõem o grupo.

6 - Em pesquisa prévia realizou-se estudo etnográfico "ao pé da máquina de costura" observando-se e dialogando com os membros da cooperativa sobre atividade de trabalho, saberes e valores com apoio da abordagem ergológica do trabalho. A atividade de trabalho do sujeito, enigmática, que se manifesta entre o trabalho prescrito e o trabalho real é central na abordagem ergológica. O foco de interesse da pesquisa foi analisar o debate de normas que ocorre na realização da atividade. Nessa abordagem, tal debate e as escolhas dos sujeitos são uma fonte inesgotável de saberes e valores. Desse estudo emerge o interesse em entender melhor as trajetórias profissionais dos membros da cooperativa.

Essas situações provocaram reflexões sobre as normas coletivas de qualidade e as escolhas individuais que perpassam a confecção, conforme pudemos perceber em diálogos com os coletivos de cada setor da cooperativa. O tema que era objeto de muitas e permanentes reflexões do grupo, em suas próprias assembleias, indicando algo de difícil solução. Tais constatações sinalizaram para a necessidade de aprofundamento sobre quais são e como vêm se construindo entendimentos e práticas de qualidade e em que medida estão associados às ideias de identidade profissional, profissionalização e de profissionalidade (FRANZOI, 2006).

Nesse contexto, a recorrente afirmação de que a formação na prática – em casa, em ateliê, em fações, em indústrias – é o que as formou necessitava ser mais bem investigada. Que trajetória profissional tinham os sujeitos? Como formação e inserção no mercado de trabalho ocorreram? Que especificidades marcavam as trajetórias das mulheres? Estava colocado o desafio de conhecer as trajetórias profissionais. À investigação das trajetórias profissionais incorporamos, na condução dessa etapa de investigação, a perspectiva de pesquisa-formação (JOSSO, 1999, 2004), e entrevistas narrativas para que a pesquisa pudesse contribuir, de alguma forma, com autorreflexão dos entrevistados.

O conceito de trajetórias profissionais (COGO, 2011) e outros correlacionados como profissão e profissionalização (FRANZOI, 2006; DUBAR, 1997; NAVILLE, 1956; MAURICE; SELLER; SILVESTRE, 1987; TANGUY, 1999; TROTTIER, 1998), bem como o de saberes do trabalho associado (FISCHER; TIRIBA, 2009) serviram de referencial teórico apoiando-nos no esforço para apreender e aprender com as pessoas da cooperativa sobre "artes de trabalhar coletivamente". Tem-se clareza do caráter exploratório das reflexões aqui apresentadas, dado que, salvo melhor juízo, as pesquisas acadêmicas a respeito desses temas no contexto dos debates sobre trabalho associado ainda são escassas. Assim, a pesquisa que se está realizando pretende contribuir com o preenchimento de tal lacuna da produção acadêmica.

## **A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DA ARTESÃ MARIA**

Para as reflexões deste artigo, optou-se por narrar e analisar a trajetória de uma dessas costureiras, cujas histórias de trabalho são muito ricas. Por meio dela, buscou-se apreender o patrimônio acumulado nas experiências de trabalho e, de outra parte, assimilar o contexto vinculado à cooperativa. A apresentação longa da entrevista de Maria, com traços de narrativa, busca preservar a sua lógica argumentativa, com a qual se pode aprender muito sobre como os diferentes aspectos de uma trajetória se relacionam entre si. Acompanham a entrevista de Maria, aqui e acolá, elementos da entrevista com a presidenta da cooperativa, os quais contribuem com observações desta sobre o contexto da cooperativa.

Maria trabalha na Univens desde o início, antes mesmo de a cooperativa ter sua sede própria. Sua trajetória no mundo do trabalho começou cedo, como boa parte da classe trabalhadora brasileira. Seu primeiro emprego foi aos 15 anos em uma grande indústria de

confeção: a Lojas Renner, localizada em Porto Alegre. Seu trabalho, no contexto do trabalho taylorizado das indústrias, era o de organizar as roupas produzidas, classificando-as e ordenando-as por cor e tamanho. A memória que tem das relações de trabalho dessa experiência é que eram amistosas, incluindo uma chefia respeitosa. Porém, após apenas cinco meses de trabalho, foi demitida com a justificativa de que a empresa não poderia elevar os salários de todos. Era sua primeira experiência como assalariada, o que estava considerando muito bom! Carteira assinada e salário fixo! Mas, em pouco tempo, a outra face da experiência do assalariamento se manifestou: a dor de ver o cartão-ponto retirado do lugar de bater o ponto! Demitida! "Chorei uma tarde inteira!" Mas o choro era também do medo do pai que "era muito rigoroso com isso" (necessidade de trabalhar). A falta de estudo, à época tinha a 4ª série do ensino fundamental, também influenciava seus medos e inseguranças de conseguir nova ocupação. Por que parou de estudar? Porque o pai lhe tirou da escola, pois, segundo ele, não tinha condições de lhe "dar estudo". A sua letra bonita – reconhecida pelo futuro patrão –, somada à necessidade e ao desejo de trabalhar, permitiu-lhe que logo fosse trabalhar num escritório de advocacia, vaga que encontrou num jornal por iniciativa própria! O novo patrão exigiu que ela voltasse a estudar, o que ela apreciou. Maria passou, então, a ter a jornada conhecida de estudantes da modalidade educação de jovens e adultos (EJA) – o dia inteiro no trabalho e à noite, estudo. Terminou o ensino fundamental em escola estadual. Nesse emprego, obteve um considerável aprendizado em tarefas de escritório, incluindo datilografar. Almoço? Só de vez em quando: o pouco tempo para conseguir fazer todas as tarefas (algumas demandavam novos aprendizados) e a falta de dinheiro não permitiam. Aprendeu muito. Em suas palavras: "aprendi tudo". Ocorre que as relações de poder entre os gêneros, hierárquicas, bateram à porta: conheceu o assédio moral no trabalho. Não especificou qual. "Eu sofri muito assédio do meu patrão. Ele era advogado. Sofri muito. Mas eu pensava, eu vou aguentar. Eu tenho que aprender o serviço!". Aguentou até que uma nova oportunidade, viabilizada pelas redes de relações familiares, permitiu que ela se demitisse. A saída, todavia, ocorreu sem recebimento das verbas trabalhistas. Nem mesmo a assinatura da carteira de trabalho lhe foi concedida e, para completar, sofreu perseguição do patrão após a rescisão, o qual tentou dificultar seu trabalho no emprego subsequente que conseguira.

Lá estava Maria no novo emprego, trabalhando em setor de pessoal. Ali aprendeu muito sobre direitos trabalhistas. Quando saiu de lá, foi trabalhar de faturista na Neugebauer. Mudou novamente, mas, dessa feita, os direitos trabalhistas foram reconhecidos. Estão presentes, aqui e acolá, as redes de apoio entre mulheres: antes a irmã e, agora, uma amiga, auxiliaram no encontro de novas oportunidades de trabalho. Passou a trabalhar na Samrig. Nessa empresa, ficou mais ou menos quatro anos como faturista no departamento de cobrança. Se na Renner as demissões foram justificadas porque não podiam aumentar salários, agora na Samrig a justificativa foi redução de pessoal. A empresa tinha decidido, entretanto, que Maria ficaria. Para sua surpresa, por comentar com um colega candidato

à demissão que ele não deveria se importar com o desligamento porque tinha experiência, e tal comentário ter chegado aos ouvidos do patrão pela boca do próprio colega, ela foi demitida com a justificativa de que não estava dando importância ao trabalho. "Quase morri chorando!". Fazem-se presentes, mais uma vez, as agruras do trabalho assalariado e heterogerido.

E aí... casou-se. Dessa vez foi o marido que não permitiu que ela trabalhasse "de jeito nenhum!" Foram dez (!) anos sem trabalhar. Maria aproveitou esse período para se qualificar nas lidas da costura com uma modista que ficou sua amiga. Tinha, na época, cerca de 18 anos. Ela admirava seus "lindos modelos". E a modista lhe dizia: "Tu tens todo o jeito para costurar!". F esclareceu que desde os 11 anos de idade já costurava na máquina de pedal da mãe. A modista lhe convidou para auxiliá-la na costura. Aprendeu fazendo e sendo observada pela modista a riscar e a cortar o tecido para ela, que montava a peça. Esse aprendizado foi fundamental para, no futuro, trabalhar numa loja de consertos de roupas. Maria repete mais de uma vez, de forma enfática: "Ela que me ensinou!".

Foi também nesse ínterim de mulher casada que descobriu seu gosto pelo artesanato: produzia e vendia. Aprendeu sozinha: olhou para uma boneca de pano e disse: "eu sei fazer!". Passou a fazer e a vender bonecas produzidas assim: "de olhar"! Mas o desejo de ampliar e melhorar o trabalho a levou até outra mulher, no centro de Porto Alegre, que era considerada uma "professora de fazer bonecas". Esta, que já estava deixando a atividade, lhe forneceu os moldes. "Só que eu peguei e modifiquei tudo!". Combinava na sua forma de criar a experiência, os moldes da professora e a observação que fazia de outros tipos de bonecas. O trabalho com o artesanato das bonecas viabilizou renda para sua subsistência: o produto de seu trabalho era muito procurado. De repente, um golpe: um vendedor homem comprou suas bonecas. Comprou uma de cada tipo e, um tempo depois, uma das lojas para quem ela vendia suas bonecas já não as solicitava mais. Descobriu, então, que o vendedor passou a vender bonecas – "repletas de defeito" – dizendo que eram as dela; que ele era o seu vendedor! Após algum tempo, embora tenha recuperado a confiança da loja, outro fator lhe tirou do mercado: a emergência de lojas conhecidas popularmente como lojas R\$ 1,99. Nas palavras de Maria: "foi o que ralou comigo!".

Depois dessa intercorrência indesejada em sua trajetória de trabalho, seguiu-se a separação do marido. Voltar ao trabalho remunerado tornou-se uma necessidade novamente. Maria desejou retornar às atividades laborais de escritório. Foi à luta por uma vaga. Dez anos haviam se passado e sua formação não contemplava o uso de computadores; para ela, então, seria impossível. Nesse contexto, vislumbrou uma solução: "sei costurar". Com esse saber, ela encontrou trabalho numa loja de consertos de roupa: chamava-se Arte e Feitio. Conseguiu o emprego em razão do patrimônio adquirido no trabalho com a modista. Dois anos neste emprego lhe renderam muitas aprendizagens em consertos de roupas: colocar zíper, ajustar, fazer bainha, entre outros. "Então eu sei de tudo hoje. Eu olho a roupa... e sei onde está o

erro". O processo de aprendizado, todavia, foi traumático. Foi ensinada, de forma intencionalmente errônea, por uma colega de trabalho, pessoa que tinha sido indicada para lhe ensinar. Por sorte, outra colega, às escondidas, lhe ensinou a fazer certo e, assim, salvou sua pele. Perguntou-se, à época: por quê? Rememora a outra situação, já referida, de que também foi demitida sem razão. Reflete: "Então aonde tem patrão tem isso. Sabe? Em cooperativa não! Se tem alguma coisa errada entre os colegas, é chamado todo mundo. É colocado tudo a limpo".

Novamente, a rede de amigas mulheres entrou em cena. Uma amiga a convidou para trabalhar na Sociedade Espirita Allan Kardec, onde ficou por três anos, exercendo funções de apoio. A saída da Sociedade Espirita foi motivada por diversas razões, como desavenças entre amigas, questões de saúde – como depressão –, e a necessidade de cuidar dos sobrinhos. Quatro sobrinhos ficaram órfãos e desamparados nesse período, razão pela qual ela os acolheu em sua casa. Organizou-se para trabalhar como costureira autônoma em casa, realizando, inclusive, a compra de máquinas de costura. A renda era ínfima. Depois de cinco anos cuidando dos sobrinhos, Maria descobriu que tinha o direito de receber pensão. Tudo o que ganhava servia para sustentar a família ampliada da qual ela era a chefe. Foi na mesma época que Maria fez seu primeiro e único curso de formação profissional com certificação: o de produção de moldes no Senac. A certificação a ajudou muito, pois ampliou seus conhecimentos de costura. Assim encerrou-se a trajetória profissional de Maria antes da entrada na cooperativa Univens.

A transição para a cooperativa caracterizou mudança profissional de outra ordem, se comparada às outras alterações de vínculo empregatício ou de atividade exercida ao longo de sua trajetória. Dessa feita, já não eram as redes familiares ou de amizade que lhe permitiriam a inserção profissional. Maria encontrou a oportunidade de trabalho na cooperativa em virtude de sua participação num grupo denominado "Mulheres com Coragem de Vencer", no bairro Sarandi, em Porto Alegre. O grupo era local, composto por mulheres da própria comunidade, e realizava atividades diversas. Ela foi convidada a participar e, em determinado momento, outra participante, a atual presidenta da Cooperativa, a convidou para trabalhar na Univens. No depoimento de Nelsa Nespolo, é possível identificar que Maria foi uma entre outras mulheres do bairro que foram convidadas a trabalhar na cooperativa num momento difícil e de desemprego dos anos 1990.

No ano de 1996, nos reunimos entre três mulheres (Sonia, Lara e eu) para conversarmos sobre nossa vila. Constatamos duas realidades que nos chamaram mais atenção: os adolescentes estavam sem perspectiva, mas poderiam ter alternativas de capacitação profissional, e muitas mulheres estavam desempregadas porque as fábricas de confecção haviam falido e o mercado não mais absorveria esta mão de obra por causa da idade delas. Para outras mulheres, com filhos pequenos, o que pagariam para alguém cuidá-los não compensaria o

salário que ganhariam; também havia mulheres que costuravam por conta [própria], mas a entrada dos produtos asiáticos estava diminuindo as encomendas (NESPOLO, 2014, p. 35).

Dada a necessidade de algumas das mulheres componentes da cooperativa de, simultaneamente ao trabalho, cuidarem de seus filhos, especialmente porque alguns eram deficientes, o coletivo decidiu combinar a realização de trabalho na sede da cooperativa com a execução de atividades laborais em âmbito doméstico. Mantiveram, no entanto, momentos coletivos na cooperativa. São exemplos de atividades de grupo os encontros para planejar e distribuir o trabalho no início de cada dia e a participação de todas as participantes nas assembleias e atividades de formação. A presidenta argumentou em sua entrevista que essa decisão teve o objetivo de encontrar um caminho que não reproduzisse o trabalho em domicílio na perspectiva capitalista, que individualiza e intensifica o volume de trabalho.

Maria assumiu a função de tesoureira da Univens devido aos saberes apreendidos nos escritórios das empresas. Atualmente, ela é secretária da cooperativa; é responsável pela escrita das atas. Recentemente, assumiu outra atividade de gestão. Ela organiza a distribuição dos jogos de linhas que são fornecidos às costureiras, uma vez por mês, pela cooperativa. Maria considera que ampliou seus saberes profissionais na medida em que aprendeu a fazer blusas, jaquetas, calças, vestidos e bolsas. Nos processos cotidianos de trabalho, onde têm liberdade de ir e vir, as costureiras trocam sistematicamente ideias e experiências sobre como trabalhar. Atualmente, Maria passou a ensinar as artes da costura a outras mulheres: ensina aquelas que têm interesse em trabalhar na Univens. A cooperativa não tem encontrado no bairro tantas costureiras como em outros tempos e, por isso, essa é uma forma de ampliar a oferta de profissionais. De todo modo, a cooperativa também objetiva colaborar com a qualificação das mulheres do bairro, independentemente de virem a trabalhar, ou não, na cooperativa. Como referenciado anteriormente, é possível observar, aqui, a relação territorial perene da cooperativa com o bairro Sarandi, elemento presente desde o início da Univens.

A oportunidade para ensinar os saberes da costura a pessoas do bairro que tivessem interesse em integrar a cooperativa foi oferecida a todas as cooperadas. Maria aceitou. Além de dar aulas na Univens, Maria deu cursos de formação profissional para formar costureiras em um sindicato da região. Os saberes e valores da profissão de costureira construídos em toda sua trajetória, incluindo a experiência na cooperativa, integram sua qualificação profissional (ALANIZ, 2007).

Eu vou dando aula assim. A presidenta da cooperativa me deu tudo cortado [várias peças de diferentes tipos] e elas [as alunas] não tinham ideia [de como costurar na máquina]. Elas sentaram [em frente à] máquina de costura e eu digo faz isso e isso. [...]. Fiz um *moletom* e o desenhei na folha e [explicitarei] tudo por escrito: tanta distância do bolso e tantos pespontos no bolso. Tudo explicadinho para elas levarem para casa; qualquer dúvida elas leem ali.



É bolso embutido, americano, bolso faca; tudo que é tipo de bolso. Estou ensinando e, ao mesmo tempo, o trabalho que elas pegam eu ensino na hora. Elas fazem comigo.

Aprendi a ter paciência e a como lidar com as pessoas. Porque elas ficam muito nervosas.

[...] "Simone, tu estás nervosa. Ontem tu conseguias fazer mais rápido e hoje tu não estás conseguindo; por quê? Porque eu briguei com a minha filha. Ela não está querendo ficar sozinha de jeito nenhum, coitadinha... ela é pequena." E eu digo para ela ficar calma. Agora ela quer trabalhar na cooperativa. E eu disse: – uma coisa vocês têm que entender. Não queira começar lá em cima; tu tens que ter paciência e ir aprendendo devagarinho e crescendo... Então eu estou adquirindo experiência: eu não sabia o que era ensinar!

Tem muita técnica [na costura]. Se errou tem que desmanchar.

Porque é muito complicado costurar. Não é fácil. Depois que a gente pega e "tira de letra".

É preciso paciência, não atropelar as pessoas.

O cotidiano do ensino da costura parte do princípio da observação. Maria pede que as aprendizes a observem com atenção. "Depois é o fazer mesmo". É enfática ao informar às alunas que "ninguém nasceu sabendo". Ao falar, expressa alegria com a transmissão do conhecimento: "Vocês aprendendo é uma glória para mim!". Em mais de um momento da entrevista, Maria afirmou que "ensina a fazer bem feito", mas alerta às alunas que elas poderão descobrir, em sua prática, outras formas que podem, inclusive, ser melhores e mais rápidas que a dela; superando-a. No passado, Maria teve suas mestras: a professora de bonecas de artesanato e a modista. Atualmente, ela tem se tornado mestra também. Possui, no entanto, apenas um certificado de qualificação profissional: o do Senac. A validação e a legitimação de sua trajetória se dão na prática, assumindo funções em que pensar e fazer estão integrados: na confecção de peças na Univens, no artesanato e na formação de futuras profissionais.

A inventividade é outro traço de sua trajetória profissional. Três modelos produzidos na cooperativa com o selo Justa Trama foram criados por ela. Há, no entanto, vários retalhos e modelos que estão na prateleira de sua sala de costura, em casa, esperando pelo dia em que ela tiver mais tempo para se dedicar às artesanias.

A presidenta da cooperativa, ao tratar do tema da criação como elemento presente no trabalho cooperado, enfatizou que há uma luta histórica dos/as trabalhadores/as por tempo e direito a pensar. Evocou dois momentos importantes de desenvolvimento de processos que permitiram a criação de produtos pelas cooperadas. Um deles foi na época de estabelecimento da cooperativa: não tinham mercado para os produtos e, com retalhos de forro de sofá doados, criaram muitas coisas. Posteriormente, a Rede Justa Trama e, portanto, a Univens passaram a ter a possibilidade de criar peças de confecção. Assim, um salto de qualidade se estabeleceu. No âmbito da Rede Justa Trama, mulheres da cooperativa estão criando produtos como blusas e sacolas. Atualmente, está em pauta a elaboração de cores para

os tecidos de algodão orgânico que provêm de outras cooperativas integrantes da Rede. Há que pontuar, entretanto, que boa parte da produção da Univens não é destinada à Rede. São peças de confecção produzidas em série, com pouca ou nenhuma margem para criação de novos produtos. Os clientes fornecem o modelo de roupa a ser produzido: camisetas, jalecos, entre outros. Assim, em regra, não há espaço para atividades criativas, excepcionadas pequenas sugestões. Enquanto explicava, a entrevistada problematizou a relação entre criação e tempo para tanto, já que não há condições financeiras por parte da cooperativa para remunerar membros cuja função seria exclusivamente pensar os produtos. Isso significaria, por conseguinte, pausa na atividade produtiva e, conseqüentemente, menor volume de produção e de remuneração. Em que pese tal fato, a entrevistada enfatizou que, apesar das incongruências, isso segue no horizonte do grupo. Atualmente, com apoio de projetos governamentais, a cooperativa está possibilitando que membros que desejem se envolver em processos de criação (tintas, peças etc.) possam fazê-lo. A entrevistada compartilhou a decisão das cooperadas de não contratarem um designer, mas, sim, de se desafiarem a serem, elas próprias, suas designers. Afirmou, no entanto, que a ideia de que "nós podemos criar" é difícil para trabalhadores em geral: não é esperado que pensem. A fala da entrevistada ecoou como uma voz coletiva da classe trabalhadora a respeito do direito a pensar e a criar.

Então a gente na verdade não cria porque você entra num ritmo de trabalho que você tem que dar conta. Você "toca". Bom, então está, deixa que outros pensem. Mas quando o seu pensar pode ser valorizado como um momento de trabalho e você receber [remuneração]... Saber que você pode sair da máquina, mas que no final do mês o seu recurso está garantido e agora você vai pensar... Nossa, é surpreendente! É surpreendente! E é isso que nós vamos fazer! [Vamos] Organizar isso!

A participação na Univens demanda a ampliação de comunicação com públicos variados, bem como o desafio de trabalho em grupo em nível interno, em razão dos processos democráticos e coletivos de tomada de decisão que aplicam. A cooperativa é muito visitada e seus membros participam de fóruns e feiras de economia solidária. São desafiados permanentemente a se comunicar para apresentar a cooperativa, mostrar e vender seus produtos. Nas palavras de Maria: "Eu era retraída e na cooperativa eu aprendi. Continuo retraída, mas perto do que eu era...!".

Ao conhecer sua trajetória, seria possível inferir que ela se considerasse uma profissional. No entanto, Maria entende que para ser uma profissional é necessário "saber fazer tudo", destacando a proficiência para fazer roupas da "alta social". Mencionou igualmente, na entrevista, peças que sabe fazer, mas que não gosta. Ao ser indagada sobre o que é ser profissional em uma cooperativa, a cooperada respondeu utilizando-se de valores como honestidade, confiança, respeito, solidariedade e transparência, indicando que seria esse o *etos* que lutam para colocar em prática.

A trajetória profissional dessa costureira indica uma migração virtuosa do trabalho heterogerido para o autogerido. Maria é reconhecida socialmente como costureira. Seu trabalho atende a um mandato social. Seus saberes são reconhecidos no trabalho da cooperativa. Além disso, é uma das poucas trabalhadoras que criam peças para a Rede Justa Trama. Embora Maria tenha muita cautela ao se denominar uma profissional, pois considera que ser profissional é "saber fazer tudo", inclusive para a "alta sociedade", orgulha-se do que faz e indica, em várias passagens de sua narrativa, que domina o ofício. A formação foi fundamentalmente calcada na experiência do trabalho, tendo sido complementada por um único curso profissional do Senai e, como formação escolar, atingiu o ensino médio incompleto. Ressalte-se, no entanto, que teve a experiência de aprendizado individual com uma modista e com uma professora de bonecas. O acompanhamento de profissionais mais experientes, olhando e corrigindo o trabalho de Maria, foi elemento importante em sua trajetória. Agregue-se, ainda, a importante experiência de ensinar, que lhe permite lembrar saberes e valores da profissão.

Suas condições de saúde – como alergias e intolerância a barulho – foram respeitadas pela cooperativa ao permitir que Maria realizasse parte do trabalho em casa, sem deixar de participar das atividades de gestão e de representação da cooperativa. Para ela, trata-se de, finalmente, estar inserida numa organização de trabalho sem patrão. Esse é um aspecto consciente e manifestado por ela. Outro aspecto importante, ainda, é a sua inserção num grupo só de mulheres, aparentemente sem o assédio imediato de homens. O trabalho ainda é intenso, mas menos estressante que outros, revelando limites do trabalho associado em face da hegemonia do capitalismo. Os ensaios de inventar, vivenciados na produção de artesanias, são parcialmente incorporados na cooperativa. Maria compartilhou o desejo explícito de, após alcançar a aposentadoria, que lhe é iminente, fazer "só o que ama": artesanato! Tornar-se-á uma artesã profissional? Atualmente, é profissão reconhecida no Brasil. Voltará ao exercício do trabalho autônomo sem ligação com o trabalho associado?

A trajetória de Maria permite identificar traços de continuidade em termos de acúmulo de saberes, os quais, atualmente, são especificados nas ocupações de escritório formalmente reconhecidas (como referido anteriormente, a CBO nomeia 10). Por variadas razões, Maria não se afirmou profissionalmente nessa área ocupacional, diferentemente do ocorrido em relação à costura. Ainda assim, em razão das características relativas ao trabalho autogerido na cooperativa, os saberes de escritório acabaram por ser valorizados e desenvolvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas artes de trabalhar de forma coletiva, democrática e autogerida, os sujeitos carregam um patrimônio, o qual produz uma biografia profissional. Como sujeitos sociais, sofrem condicionamentos das estruturas econômico-culturais de seu tempo histórico. As cooperadas

pertencem à classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2003). Mais particularmente, aos segmentos dessa classe que necessitam combinar trabalho e estudo desde muito cedo (CORROCHANO et al., 2008). A inserção e a transição no mercado de trabalho se dão alternando e/ou combinando vínculos formais e informais de trabalho. Vivenciam a separação entre concepção e execução, bem como as consequências da divisão sexual do trabalho. A socialização em relações de trabalho capitalistas, heterogeridas e, muitas vezes, precárias, cuja propriedade dos meios de produção é privada, é significativa. Analisar detidamente trajetórias profissionais demonstrou ser método pertinente, devido à potência e à autenticidade que lhe são inerentes, para o estudo da qualificação profissional no trabalho associado.

Abordar trajetórias profissionais de membros da cooperativa apresentou o desafio de realizar a apropriação de conceitos, mas respeitando as especificidades do estudo. Encontrou-se, conforme indicado ao longo do texto, nas teorizações sobre profissão e nas trajetórias profissionais de sujeitos das classes subalternas, formulações pertinentes para análise. Algumas contribuições de estudos feministas foram incorporadas, como se verá a seguir, dada a sua pertinência para as reflexões do trabalho associado de mulheres. Considera-se que as reflexões produzidas foram um exercício teórico-empírico exploratório sobre trajetórias profissionais de sujeitos que transitam do trabalho assalariado para o trabalho associado. Para a produção em tela, a trajetória profissional de uma costureira foi referenciada como narrativa repleta de elementos que contribuem e provocam o exercício de análise.

Tendo em vista as peculiaridades da trajetória profissional de mulheres da classe trabalhadora, é imperiosa a necessidade de analisar sob a óptica das desigualdades entre os gêneros para melhor compreender as escolhas, imposições e possibilidades de inserção e qualificação profissional pelas quais passa o público feminino. A opressão sofrida pela entrevistada está presente em sua narrativa e foi decisiva para mudanças, em geral dolorosas, nos rumos de sua trajetória. Os caminhos perseguidos também revelam estratégias de reação. O trabalho foi central na vivência da opressão e da emancipação. O grupo social homens e o grupo social mulheres "estão em tensão permanente em torno de uma questão: o trabalho e suas divisões" (KERGOAT, 2009, p. 67). O trabalho doméstico e o trabalho profissional, se analisados na sua simultaneidade e considerando as atividades exercidas em cada uma dessas esferas, permite, segundo a autora, a compreensão das relações à luz da divisão sexual do trabalho. Essa divisão fica evidente na história de Maria, acompanhando, indubitavelmente, o que refere a bibliografia especializada sobre a relevância desse conceito para a análise de todas as formas de trabalho e, portanto, de trajetórias profissionais. Acresce-se a isso a necessária análise das relações entre dominação e consentimento entre homens e mulheres. As escolhas de Maria e as possibilidades de qualificar-se para um "trabalho bem feito" só são passíveis de considerações se entendidos considerando-se a dialética entre opressores(as) e oprimido(a) produzidas com base em desigualdades econômico-culturais. Nesse aspecto, a relação com o pai, com o patrão advogado e com o marido são particularmente evidentes.

"Esse é o preço da prática da dominação, a desapropriação do outro, posto em situação de tutela, como a apropriação do corpo das mulheres" (APFELBAUN, 2009, p. 76).

Atualmente, Maria está experimentando novas relações em que as marcas de dominação de gênero e da divisão sexual do trabalho tendem a ser superadas pelo menos no contexto da cooperativa. A composição do grupo de cooperadas, que são somente mulheres, em muito contribui para tanto, dado que elas decidem, entre si, as formas de trabalhar. Essa é uma questão, todavia, que demanda aprofundamento. Há que considerar o trabalho por elas realizado de forma contextualizada, em atenção a desigualdades mais abrangentes, como divisão social, técnica e sexual do trabalho na sociedade brasileira atual, entre outros aspectos<sup>7</sup>.

Salienta-se a relevância de se identificar e analisar, nas trajetórias, os saberes técnico-políticos e éticos, as oportunidades e os processos de formação de trabalhadores. O princípio do "trabalho bem feito", que acompanha a história das artes, ofícios e profissões, deve ser pensado no contexto da divisão social, técnica e sexual do trabalho e das relações entre formação e trabalho em cada período histórico, dadas as particularidades de cada sociedade. Associa-se, igualmente, às singularidades da biografia do sujeito dentro e fora do ambiente laboral. Alcançar um "trabalho bem feito" é sempre o resultado de um amálgama de saberes e valores assentados em determinadas relações sociais. É uma construção social e, concomitantemente, individual. É evidente, na trajetória de Maria, que a experiência no trabalho foi o centro de sua formação, caracterizando o saber oriundo da práxis enquanto eixo principal de sua trajetória profissional. Os parâmetros de qualidade do trabalho foram majoritariamente construídos na relação indissociável entre saber-fazer. Na sua trajetória, está presente, também, a relação mestre-aprendiz, configurada em relações como: mãe-filha; modista-aprendiz de costura; professora de bonecas-aprendiz de artesanato, entre outras. Posteriormente, Maria reproduziu e reproduz, correntemente, essa relação, tendo em vista que se tornou "ensinante" de futuras costureiras em curso profissional. Em que pese tenha havido uma formação educacional institucionalizada, no Senac, ela esteve permeada pelo contínuo trabalho na costura. Em biografias de costureiras, como Maria, há muito a ser explorado no que tange às relações entre "teoria e prática". Essa trajetória remete à reflexão sobre a epistemologia de produção dos saberes das costureiras e, assim, pode ter consequências na elaboração de propostas de formação profissional de empreendimentos econômicos solidários cuja base seja a confecção. Pode contribuir e implicar efeitos, igualmente, às relações entre designers e costureiras cooperadas que lutam por sua autonomia.

O saber das costureiras ainda está muito presente nos bairros empobrecidos das cidades<sup>8</sup>, sendo fonte de sobrevivência. Como visto neste trabalho, o capital social dessas mulheres é

---

7 - As políticas da cooperativa, em termos de articulação entre as esferas da produção e a de reprodução, certamente demandam um estudo mais detalhado para que se possam compreender os efetivos avanços de natureza emancipatória que contribuam para a libertação das mulheres dos cativeiros (RÍOS, 2005) a que estão sujeitas.

8 - Veja-se, por exemplo, dissertação recentemente concluída de Carla Melissa Barbosa (2015) intitulada *Histórias de vida e de costura: os saberes e sabores da mulher artífice*.

base importante para empreendimentos da economia solidária. No entanto, a Univens, cooperativa de Maria, está com dificuldades de encontrar costureiras no bairro para recrutar e, por isso, está oferecendo aulas de costura para suprir tal lacuna, como narrado anteriormente. Essa lacuna é elemento que anuncia a necessidade de melhor investigação acerca das razões pelas quais tal dificuldade se verifica nas novas gerações. Avalia-se que esse aspecto é ponto importante a reforçar a necessidade de continuidade dos estudos sobre trajetórias de trabalho e profissionais de sujeitos que compõem organizações de trabalho associado. Por meio delas se pode ter uma análise qualitativa do capital social e cultural em que se baseia o trabalho de inúmeras cooperativas e associações.

Visibilizar e analisar trajetórias de trabalho dos sujeitos das iniciativas de trabalho associado é fonte inesgotável de conhecimento sobre as formas singulares de relação que se estabelecem entre trabalho e educação na sociedade. Nas reflexões deste artigo, a intenção foi analisar seu potencial para apreender continuidades e descontinuidades entre trabalho assalariado heterogerido e trabalho associado autogerido, elegendo a trajetória de Maria como eixo-base de narrativa-reflexão acerca do tema. Dessa forma, intenta-se contribuir com melhor entendimento sobre saberes e valores que são mobilizados no trabalho associado, influenciando na sua qualidade e, do ponto de vista teórico, enriquecer e problematizar o próprio conceito de saberes do trabalho associado.

## **The ability to learn how to work collectively: reflections on professional trajectories and associated work**

**Abstract** – Working in a cooperative and self-managed way, in a historical context of waged work is hegemonic, is a deep and abiding challenge. The struggle to remake the content and the management at work is an art, this understood as a human skill that is established as a way to learn, think and create in order to reinvent workplace process. This article proposes that the analysis of professional careers of workers from associated labor organizations is necessary to deepen the study of professional qualification of these subjects. Professional concepts, professionalism and professional trajectory and elements of gender relations are brought to light and discuss the issue of the transition from paid employment to self-managed work. Research data with members of a cooperative located in southern Brazil make up the empirical basis of the reflections given. For the discussion in question, the professional career of a seamstress was referred to as narrative full of elements that contribute and cause analysis exercise. Developing a dialectical exercise between narrative practice and theoretical reflection, the theoretical framework adopted to dialogue with the professional trajectory seamstress was elected by its connection and/or contribution, direct or indirect, to the issue of professional qualification of the members of the movement of Brazilian solidarity economy and/or researchs on this theme.

**Keywords:** Professional trajectories. Solidarity Economy. Social and professional qualification. Knowledge of the associated work. Women.

## REFERÊNCIAS

- ALANIZ, E. P. *Qualificação profissional: um estudo das práticas educacionais em uma empresa de autogestão*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- APFELBAUN, E. Dominação. In: HIRATA, H. et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 76-90.
- BARBOSA, C. M. *Histórias de vida e de costura: os saberes e sabores da mulher artífice*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- BRASIL. Secretaria Nacional da Economia Solidária, Ministério do Trabalho. *Atlas Digital da Economia Solidária*. 2013. Disponível em: <<http://sies.ecosol.org.br/atlas>>. Acesso em: 19 jan. 2016.
- COGO, P. S. F. Trajetórias profissionais. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Org.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011. p. 465-470.
- CORROCHANO, M. C. et al. *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa e Instituto Ibi, 2008.
- DUBAR, C. *A socialização: a construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.
- FISCHER, M. C. B.; TIRIBA, L. Saberes do trabalho associado. In: CATTANI, A. D. et al. *Dicionário Internacional de Outra Economia: série políticas sociais*. Coimbra; São Paulo: Edições Almedina, 2009. p. 293-298.
- FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. *Carta de princípios da Economia Solidária*. 2003. Disponível em: <[http://www.fbes.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=63&Itemid=60](http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63&Itemid=60)>. Acesso em: 15 jan. 2016.
- FRANZOI, N. L. *Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- GAIGER, L. I. Relações entre equidade e viabilidade nos empreendimentos solidários. *Lua Nova*, n. 83, p. 79-109, 2011.
- JOSSO, M.-C. Histórias de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, 1999.
- JOSSO, M.-C. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JUSTA TRAMA. Prêmio BNDES reconhece publicamente a Justa Trama com uma Boa Prática de Economia Solidária. 2015. Disponível em: <<http://www.justatrama.com.br/noticia/84/premio-bndes-reconhece-publicamente-a-justa-trama-com-uma-boa-pratica-de-economia-solidaria>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-75.

MAURICE, M.; SELLER, F.; SILVESTRE, J.-J. *Política de educación y organización industrial em Francia y en Alemania: aproximación a un análisis societal*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1987.

NASCIMENTO, C. A. *Uma mutação cultural: de "celetista" e/ou "sindicalista" para "autogestio-nário"*. Brasília: MTE, SPPE, DEQ, 2005.

NAVILLE, P. *Essai sur la qualification du travail*. Paris: Rivière, 1956. Tradução Gisela Lobo Tartuce. Revisão de Maria Inês Rosa, para circulação restrita. Texto digitado.

NESPOLO, N. I. F. *Tramando certezas e esperanças: a história não para*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

RÍOS, M. L. de los. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

TANGUY, L. Do sistema educativo ao emprego. Formação: um bem universal? *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 20, n. 67, p. 48-69, 1999.

TROTTIER, C. Emergência e constituição do campo de pesquisa sobre a inserção profissional. In: DESAULNIERS, J. B. R. (Org.). *Trabalho e formação e competências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 133-178.

Recebido em janeiro de 2016.  
Aprovado em fevereiro de 2016.